

Reforma sem choque

A discrição com que os meios de comunicação social trataram o anúncio, feito pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, de que medidas complementares para tentar reduzir os níveis inflacionários serão anunciadas no próximo dia 13 — quando se completa o terceiro mês do Plano de Ação Imediata (PAI) — dão bem a medida do ceticismo popular ou de desinteresse pelas iniciativas oficiais para derrubar a inflação. Essa apatia também pode ser encarada como uma prova de que o brasileiro, de todos os níveis socioeconômicos, depois de tantos choques, aprendeu a conviver com a inflação de tal modo que, bem ou mal, vai levando sua vida.

Tantos anos vivendo sob o domínio de uma inflação persistente fizeram com que os brasileiros aprendessem a conviver com ela, da mesma forma que o doente crônico convive com sua moléstia. A pessoa que sofre de uma doença crônica sabe quais remédios tomar, quando e em que quantidades, e quais os demais cuidados que deve tomar para não agravar as seqüelas. Os brasileiros têm na correção monetária dos seus investimentos e nos reajustes salariais freqüentes os principais remédios contra a inflação. Sem correção monetária, nenhum ativo resistiria a uma taxa de 30 por cento ao mês, ou de 1.500 por cento ao ano.

As pessoas das classes média e alta mantêm seu dinheiro nas contas remuneradas ou em dólar. As pessoas mais humildes tratam de comprar o que necessitam no mesmo dia em que recebem seu salário ou aposentadoria. Mas parece que também entre as pessoas mais modestas ganha terreno a poupança em moeda norte-americana. Começa-se a copiar no Brasil um hábito dos

aposentados argentinos nos tempos de inflação elevada naquele país. O brasileiro, apesar dos entraves, passou a comprar dólar, como fazem argentinos e uruguaiois, com câmbio livre.

Infelizmente, faltam estudos sociológicos sobre essa impressionante capacidade que o brasileiro desenvolveu de conviver com a inflação. Fala-se até mesmo em memória inflacionária e em inflação inercial. Para alguns, vai ser duro aprender a viver num país de baixa inflação. Mas, na verdade, vivemos uma situação semelhante em 1986, quando do Plano Cruzado, que repressou a inflação por um ano, até a eleição. Entre outras curiosidades, foi o ano em que mais se consumiu comida no Brasil. Sem inflação, cresceu o poder aquisitivo e faltou de tudo.

As hipóteses mais mirabolantes para derrotar a inflação vêm sendo lançadas à discussão. Há quem sugira progressiva redução dos índices, mediante consenso nacional. Há quem defenda o fim da correção monetária, o que levaria as pessoas a tirarem o dinheiro do banco para gastar logo. Há também quem seja simpático a um calote do Governo nos bancos para pôr um fim na ciranda financeira. O ministro Fernando Henrique, no entanto, pretende a redução gradual, mediante a desmontagem de todos os artifícios que hoje mantêm armado o circo inflacionário. Reafirma freqüentemente que não pretende dar nenhum choque. De qualquer maneira, o que se prevê é que, com taxa inflacionária reduzida, o Brasil poderá dar um salto, recuperando o ritmo de crescimento dos anos 70, isso porque agora em 93 — em plena crise — já se prevê um crescimento do PIB superior a 4 por cento.